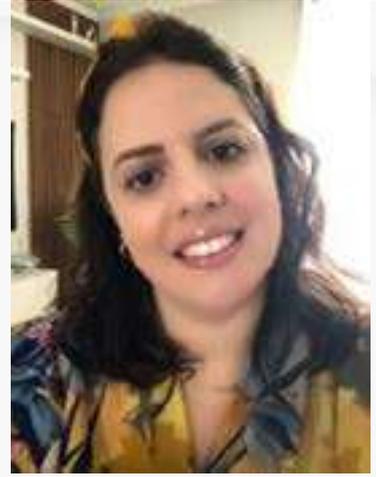


AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA: UMA CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO



LÍVIA BENFATTI MORGADO DE SOUZA

Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Universidade do Grande ABC - UNIABC - 2010;
Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Universidade do Grande ABC - UNIABC - 2012;
Professora de Educação Infantil - no CEU CEI São Rafael e CEU EMEI Prof. Roque Spencer Maciel de Barros.

RESUMO

O modelo de alfabetização atual, estabelecido em 1789 na França, evoluiu através de três períodos distintos. O primeiro período focava em identificar o melhor método de ensino, associando o fracasso escolar a métodos inadequados. O segundo período introduziu a teoria do "déficit cognitivo", onde a falta de pré-requisitos de aprendizagem era vista como causa do fracasso, resultando em exercícios de prontidão para sanar essas deficiências. Nos anos 70, uma mudança de paradigma ocorreu, passando a se concentrar em "como se aprende" em vez de "como se ensina". Esta abordagem reconheceu a importância das experiências das crianças e a participação em práticas sociais de leitura e escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Concepção da língua escrita; Leitura; Escrita; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A abordagem à alfabetização tem evoluído significativamente desde o final do século XVIII, com o modelo que conhecemos hoje tendo suas origens em 1789 na França. Desde então, a transformação das crianças em alunos tem sido profundamente influenciada pelas mudanças nos métodos de ensino e nas teorias educacionais. Essas mudanças refletem três períodos distintos na evolução da alfabetização, cada um com suas próprias características e desafios.

No primeiro período, a busca pelo melhor método de ensino era central, associando-se o fracasso escolar ao uso de métodos inadequados. O segundo período foi marcado pela teoria do "déficit cognitivo", onde se presumia que a aprendizagem dependia de pré-requisitos específicos; a falta desses pré-requisitos era vista como a causa do fracasso escolar. Surgiram, então, exercícios

de prontidão para a alfabetização destinados a corrigir as supostas deficiências das crianças.

A partir dos anos 70, um terceiro período trouxe uma mudança de paradigma significativa. A ênfase passou de "como se ensina" para "como se aprende", levando em conta as experiências que as crianças traziam consigo. Esse período reconheceu a importância de engajar as crianças em práticas sociais que envolvessem leitura e escrita, considerando essas práticas como cruciais para o tempo de alfabetização do indivíduo.

Essa evolução reflete uma mudança profunda na maneira como percebemos e abordamos a alfabetização, destacando a necessidade de valorizar os saberes que as crianças trazem para a sala de aula e a importância de adaptar métodos de ensino para atender às suas necessidades individuais. As discussões contemporâneas em torno da alfabetização continuam a evoluir, focando em métodos que não apenas ensinam a decodificar códigos, mas que também fomentam uma compreensão profunda e uma participação ativa na cultura letrada.

AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA: UMA CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO

O modelo de alfabetização que temos hoje nasceu a pouco mais de dois séculos, em 1789 na França, a partir de então crianças se transformaram em alunos.

Podemos observar três períodos referentes ao debate da alfabetização, no primeiro havia a busca pelo melhor método para ensinar, relacionando o fracasso escolar com o uso de métodos inadequados.

O segundo período teve como base a teoria do "déficit cognitivo", supondo que a aprendizagem dependia de pré-requisitos se a criança não aprendia era porque lhe faltava algo, surgindo assim exercícios de prontidão para a alfabetização, que tinham como objetivo sanar as faltas que as crianças tinham, o fracasso estava diretamente ligado à criança as suas incapacidades.

O terceiro período começa em meados dos anos 70 no qual houve uma mudança de paradigmas, deixando de buscar resposta no "como se ensina" para compreender "o como se aprende", assim começou-se a levar em conta as experiências que as crianças traziam percebendo-se a importância de oportunizar a participação na escola de práticas sociais envolvendo a leitura e escrita, sendo as situações de uso das mesmas determinantes no tempo de alfabetização do indivíduo.

Tais mudanças não acontecem da noite para o dia, o professor também necessita aprender a ensinar, construir novos caminhos não é algo fácil, o início de tudo dá-se na valorização dos saberes que as crianças trazem, na percepção do que necessitam saber, na observação do como entendem o que estão fazendo e principalmente na intervenção necessária para a ampliação e construção de novos saberes.

Ensinar a ler e escrever é um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido estrito. O desafio que a escola enfrenta hoje é o de incorporar todos os alunos a uma cultura do escrito é o de conseguir que todos seus ex-alunos cheguem a ser membros plenos da comunidade de leitores e escritores. (LERNER, 2002 p. 17).

Para tal a alfabetização não pode ser vista com uma mera decodificação de códigos, e sim como algo que vai bem, além disso, algo determinante na compreensão do mundo que vivemos, como diz Lerner. Precisamos nos desvencilhar da forma de aprendizagem empirista, pensando na memorização de informações, nas substituições de respostas erradas por meramente respostas certas, pois, nesta concepção o conhecimento está “fora” do sujeito, este seria “vazio” esperando para ser preenchido por alguém mais capaz. Nesta concepção o educando é visto como alguém incapaz de uma compreensão global, assim, na alfabetização é necessário que primeiro decodifique os códigos para só depois ser capaz de entender e produzir um texto real como fala Rego.

Na escola, o aprender a ler e escrever tem prioridade sobre o ler e escrever para transmitir informações.

A língua é apresentada inicialmente à criança como um código descontextualizado, cujas convenções a criança precisa aprender a denominar para só em seguida usar. (REGO, 1988, p. 14).

O que não é verdadeiro, pois, observamos isto ao trabalhar com a literatura infantil desde muito pequenos já demonstram a capacidade de compreensão das histórias e situações apresentadas.

Já se pensarmos no sujeito como construtor de seu saber, alguém capaz que traz consigo experiências criam hipóteses sobre o objeto a ser estudado, o papel do professor será criar oportunidades para a integração de novos saberes, cabendo criar situações que permitam ao aluno vivenciar os usos sociais que se faz da leitura e da escrita, as características dos diferentes gêneros textuais, a linguagem adequada a diferentes contextos comunicativos, além é claro do sistema pelo qual a língua é grafada, o sistema alfabético.

O conhecimento do sistema alfabético concebe ao leitor a autonomia, a capacidade de ler e escrever por si só. Mas mesmo antes de obter este conhecimento qualquer um pode aprender muito sobre a língua escrita desde a mais tenra idade, isso depende das oportunidades que lhes são oferecidas.

Muitas vezes quando falamos em construção do conhecimento acontece um desvio ao espontaneísmo, nesta crença não se é preciso ensinar, o professor passa a não informar, não corrigir a se satisfazer com o que o aluno traz erroneamente. Não se trata de deixar apenas por conta do aprendiz a tarefa de construir seu conhecimento, trata-se de observar o que este já sabe, quais conhecimentos possui, o que ainda precisa saber, pois, o conhecimento não é gerado do nada, é uma permanente transformação a partir do que já existe.

O professor deve ter claro quais são seus objetivos, o como proporcionar situações que levem o aluno à reflexão, quais hipóteses estão construindo sobre o processo de leitura e escrita, o que já sabem e o que precisam saber.

Para tais intervenções o professor deve estar bem-preparado, conhecer as hipóteses de leitura escrita construídas pelo aluno durante o processo de alfabetização, conhecer as ferramentas, que o auxiliarão neste processo, levando em conta as capacidades destes, mesmo antes de se lerem e escreverem convencionalmente.

TEORIAS, MÉTODOS E CONCEPÇÕES

Os métodos precisam garantir a alfabetização a apropriação de alguns domínios de conhecimento. O que funciona no momento de ensinar as crianças a lerem e a escrever? Essas são nossas dúvidas e de grande parte dos professores que estão se formando, acompanhamos algumas discussões geralmente divididas entre duas correntes: método construtivista e o método fônico.

No entanto, independentemente da polêmica entre os dois métodos, há inúmeras visões sobre o processo de alfabetização. Tentamos estudar algumas pedagogias que trabalham esse momento da escolarização, conhecer quais são as principais propostas, como os professores desenvolvem a missão de colocar seus alunos em contato com um mundo novo, o da escrita e leitura tentaremos tirar nossas conclusões do que funciona de cada prática e assim poder aplicar com nossas turmas.

O MÉTODO NATURAL DE CELISTIN FREINET

Para Freinet a dúvida mobiliza o pensamento e o desejo de construir respostas. A criança é protagonista de sua alfabetização e o professor atua como mediador no processo de aprendizagem. Com essa filosofia, as escolas Freinet alfabetizam, respeitando os interesses e o ritmo de cada aluno.

Segundo a pedagoga Gláucia de Melo Ferreira (1998), especialista nessa pedagogia, o fazer educativo e a alfabetização nas escolas Freinet não tem uma técnica ou um método para o professor aplicar com a turma de forma mecânica, o que se busca é acolher os interesses e as necessidades das crianças, para organizar projetos de trabalho a serem desenvolvidas a partir dos eixos da pedagogia Freinet.

Pela proposta do educador Freinet as crianças devem entrar em contato com a escrita naturalmente, as crianças devem conhecer a função social de ler e escrever. Por meio de um instrumento chamado “Livro da Vida”, o professor atuando como escriba registra os acontecimentos importantes do cotidiano da turma como: aniversário, historinhas, brincadeiras e atividades. Os pequenos também interagem produzindo desenhos, pintando e até mesmo fazendo rabiscos, que na concepção deles são tentativas de escritas. Acredita-se que o contato com esse livro da vida desde muito cedo levam as crianças a vivenciarem o ato da escrita, vendo o professor escrever irão compreender que isso serve para contar histórias de vida de um grupo e essa história poderá ser contada para lembrarem tornando-se assim a criança agente produtor do seu conhecimento durante o processo de alfabetização.

As tentativas de escrita no “Livro da Vida” irão permitir às crianças fazer hipóteses e investigar esse objeto do qual está se aproximando. As informações do primeiro são construídas pelas crianças e as associações das letras e sílabas são feitas naturalmente. O alfabeto é apresentado aos alunos depois que eles já se aproximam da escrita como um instrumento de expressão de ideias, ou seja, já começam a escrever algumas palavras, como seu nome, o dos coleguinhas, e

até mesmo frases mais simples. Partindo do amplo, do todo, para se chegar ao alfabeto, ou seja, desde 1920 Freinet desenvolveu o método natural de educação, ler e escrever partilhavam de um processo de leituras de mundo, de vidas, ler é apropriar-se dos significados da cultura. A educação para Freinet era um processo de libertação e de participação ativa na transformação da cultura das realidades.

Quando a criança se sente preparada, mesmo se ainda não souber escrever frases completas, ela mesma irá querer fazer seu caderno, o importante é que tenha uma representação escrita e ela consiga se expressar. O professor deve ter um olhar diferenciado para saber aproveitar essas manifestações e quando menos perceber as crianças estão lendo e escrevendo, existe algumas crianças que esse processo acontece em apenas seis meses.

Um dos grandes instrumentos da pedagogia Freinet no processo de alfabetização são as rodas de conversa. Nelas são feitas leituras, em geral, um dos textos dos alunos é escolhido para o grupo, junto com a professora fazendo a correção coletiva, discutindo a grafia das palavras e a melhor forma de comunicar uma ideia. Um diferencial da pedagogia Freinet é a cooperação, as crianças trabalham bastante em grupo e em duplas trocando experiências. Os que sabem mais ajudam aqueles que estão aprendendo.

Os textos e desenhos dos alunos são guardados para a montagem de um portfólio e desta forma eles serão autores de histórias, textos e pesquisas e não simplesmente consumidores de apostilas.

O MÉTODO WALDORF

A pedagogia Waldorf foi criada por Rudolf Steiner e atua na educação e formação das crianças, que são estimuladas não só a descobrir suas potencialidades como a vivenciar aquilo que não tem como habilidade inata. A alfabetização Waldorf só é iniciada com as crianças que demonstram que a primeira fase da criança está completa, existem indícios que apontam essa maturidade, como a troca de dentes, o desenho, o brincar da criança, a atividade motora global ou fina, a capacidade maior para a concentração e a memória.

Nas escolas Waldorf, a alfabetização assim como todos os conteúdos vem sempre envolvidas em um cenário artístico e lúdico. O sistema usado é o fonético e cada som é retirado de uma palavra que se encontra dentro de um contexto maior. Além de pesquisar as qualidades sonoras antes de produzir o fonema às crianças, o professor tem a liberdade de usar um movimento, uma história, um objeto, um gesto ou uma imagem para representar os sons aos alunos. Cada fonema é apresentado e o trabalho de escrita é feito com as crianças. Elas escrevem ou pintam a letra antes do aprendizado da leitura.

O ensino de Waldorf é dado em épocas de mais ou menos quatro semanas, os fonemas vão sendo apresentados durante esse tempo. Depois as crianças entram em uma fase do reino dos números, antes de retornar a um novo grupo de fonemas. Acredita-se que as crianças consigam aprender a ler e a escrever ao final de um ano.

A pedagogia Waldorf não adota material didático. São os alunos que confeccionam seus próprios livros. Os primeiros livros de contos são escolhidos pelo professor com muito critério. As ilustrações devem dar espaço à imaginação e à fantasia das crianças e as letras serão preferencialmente maiúsculas, pois são as usadas para a introdução dos símbolos fonéticos.

O maior instrumento e recurso da pedagogia Waldorf são a sala de aula e o próprio professor. É ele que proporcionará uma alfabetização diferenciada de acordo com a forma que os conteúdos estão expostos. As lousas devem ser um verdadeiro quadro de imagens, contando um poema, cantando uma música ou fazendo movimentos, de forma a despertar a imaginação das crianças. A arte deverá estar presente em cada palavra, gesto ou imagem que apresentar.

As crianças participam ativamente das aulas e existe uma relação extremamente dinâmica entre professor e aluno e entre as crianças do grupo. O ideal dessa pedagogia é que os alunos vivenciem os conteúdos e não os decore. Assim o desenho, a música, a pintura, os trabalhos manuais, o teatro e as artes aplicadas como marcenaria ou modelagem, a dicção ou a declamação são tão importantes no currículo quanto a botânica, a astronomia, a química, a física ou a matemática. As matérias artísticas acompanham, ilustram e aprofundam os conteúdos dados a cada ano.

O MÉTODO MARIA MONTESSORI

O método Montessoriano tem como uma de suas principais características estimular a educação automotivada, individualizada e o interesse espontâneo pela aprendizagem. A alfabetização, assim como outras áreas de conhecimento desenvolvidas no método Montessori, acontece sempre respeitando as necessidades e o desenvolvimento de cada criança e se dá em diferentes idades.

O ato de ler e escrever começa com o enriquecimento do vocabulário, quando os educadores aproveitam o meio em que a criança vive, o contar de histórias, o cantar, a representação do real com objetos e ambientes em miniatura. O conhecimento é adquirido por meio de materiais concretos, elaborados para acrescentar o pensamento conceitual e depois levar à abstração.

Um dos grandes instrumentos na alfabetização Montessori são as letras de lixa, que como o próprio nome diz, são letras cursivas impressas em lixas. A criança passa o dedo em cada uma delas e com a ajuda do professor emitem o som que produzem. Com o tempo, passa a unir os sons para formar sílabas e palavras com o alfabetário. O processo de alfabetização respeita o ritmo de cada criança, que aprende em seu próprio tempo. Algumas com quatro anos, outras seis.

Os alunos aperfeiçoam a escrita por meio dos materiais pedagógicos disponíveis no método Montessori, como as caixas de areia, os quadros de giz, os folhetos pautados e os encaixes de ferro. A linguagem e a leitura acontecem com a síntese dos sons, os cartões de leitura e dos livros por meio da visão global da palavra escrita. Acontece a alfabetização não só de letras e palavras, mas da realidade da criança. O aluno estará sempre trabalhando suas habilidades.

A sala de aula Montessoriana é totalmente diferente das convencionais. Nela os materiais pedagógicos ficam expostos para serem manipulados livremente pelas crianças, num ambiente em

que a autoeducação é estimulada pelos educadores. As crianças ficam misturadas em relação a idade, as de três até seis anos ficam juntas e as de seis até nove anos ficam juntas, e cada criança é livre para escolher a atividade que deseja fazer, e claro, para aprender observando os colegas. O papel do educador nesse processo é agir como um atento observador para apresentar novos materiais a serem trabalhados e ficar constantemente em alerta para a direção em que a criança está querendo aprender.

A criança em uma escola Montessoriana vivencia várias atividades práticas, como lavar louça, varrer o chão, preparar o lanche, regar as plantas, alimentar animais, que são uma preparação indireta para a escrita e leitura porque trabalham a ordem, a coordenação motora grossa e fina e a organização.

A interação entre os alunos também é fundamental no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Os mais velhos são modelos para os menores, que aprendem mais rápido com o auxílio dos colegas mais experientes, conquistando autoconfiança e autoestima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a evolução dos métodos de alfabetização ao longo dos séculos revela uma jornada significativa de desenvolvimento pedagógico e compreensão das necessidades dos alunos. Desde o início das reformas educacionais na França até os métodos contemporâneos, cada período reflete uma adaptação às percepções emergentes sobre como as crianças aprendem melhor. A transição do ensino focado em métodos estritos para uma abordagem que valoriza a experiência e o conhecimento prévio do aluno marca uma mudança essencial na forma como educadores abordam o ensino da leitura e da escrita.

Os desafios do ensino da alfabetização transcendem a simples capacidade de decodificar textos; envolve preparar os alunos para serem pensadores críticos e membros ativos de suas comunidades letradas. As inovações em pedagogias, como as propostas por Freinet, Montessori e Waldorf, destacam a importância de ambientes educativos que respeitam o ritmo individual de aprendizagem e estimulam o desenvolvimento integral dos alunos.

Este percurso nos leva a reconhecer que a alfabetização não é apenas um processo de aquisição de habilidades básicas, mas também um meio de emancipação e inclusão social. As implicações deste entendimento são profundas, sugerindo que as práticas educativas devem continuar a evoluir, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas capacidades iniciais, possam participar plenamente na sociedade como leitores e escritores competentes.

Portanto, é imperativo que as práticas de alfabetização sejam constantemente revisadas e adaptadas para atender às necessidades em mudança dos alunos e das sociedades. A meta final da educação deve ser a de desenvolver indivíduos capazes de usar a leitura e a escrita para aprender, expressar-se e participar efetivamente em suas comunidades, perpetuando assim o ciclo de aprendizagem e enriquecimento cultural.

REFERÊNCIAS

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Art-med, 2002.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.